

## Seção Estudos

### FOUCAULT DUAS DISTINÇÕES: SUJEITO ANTIGO E SUJEITO MODERNO

#### FOUCAULT TWO DISTINCTIONS: OLD SUBJECT AND THE MODERN SUBJECT

Lindinês Gomes de Barros<sup>19\*</sup>

Debruçar-se sobre o pensamento de Michel Foucault é um convite fascinante e, ao mesmo tempo, uma tarefa difícil que exige muita atenção e cuidado. Seus livros são como “caixas de ferramenta”, que podemos abrir e nos servir de suas ideias, as quais podem provocar um “curto-circuito”, por desacreditar nos sistemas de poder, até os mesmos que inspiraram seus livros<sup>20</sup>.

Esse “curto-circuito” que provoca as nossas concepções, nos mostra como a sociedade produz discursos de verdades, que é, ao mesmo tempo, controlado, selecionado, organizado e redistribuído por procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos para dominar os acontecimentos (FOUCAULT, 2006, p.9).

Foucault, na trajetória de seus escritos, é um pensador e pesquisador que questiona a categoria do sujeito, ao questionar o sujeito, investiga a interioridade, e, portanto, a categoria do autor. Nesse percurso, nos mostra uma episteme histórica ou a cultura de uma época, ao revelar a passagem e as transformações situadas da Renascença à Idade Clássica, da Idade Clássica à Modernidade. Em seus estudos minuciosos, ele busca identificar os saberes

---

<sup>19</sup> Mestre em Ciências sociais pela UFRN e Doutoranda no Programa de Ciências Sociais na PUC/SP.

<sup>20</sup> Foucault, Michel. “*Des supplices aux cellules*”, Le Monde, 21 de fevereiro de 1975. In: ERIBON, Didier. **Michel Foucault: uma biografia**. Companhia das Letras: São Paulo, 1990.

que são ditos e qualificados como verdadeiros, denominados de episteme – que são dispositivos de uma época.

No fascinante “curto-circuito” intelectual promovido por Foucault, colocamos a nossa reflexão no curso proferido no *Collège de France* em 1982, *A Hermenêutica do sujeito*. O professor Foucault apresentou aos seus alunos e ouvintes o conteúdo de uma investigação, tendo como tema central o sujeito. Apropriar-nos-emos do texto de Frédéric Gros, em “Situação do Curso”, “Implicações filosóficas do curso”, *in*: “A Hermenêutica do sujeito”, que acompanha a edição, para fazermos as nossas reflexões e compreender como o sujeito se autoconstitui em práticas de si.

Começamos por compreender, no curso de 1982, o ponto principal de discussão proposto por Foucault, o sujeito, inserido na distinção entre o “cuidado de si e o conhecimento de si”. Neste sentido, são maneiras de observarmos o pensamento filosófico por meio de uma análise histórica do próprio sujeito. Em dois momentos históricos distintos, Foucault nos conduz ao acesso as vias da verdade que constituíram as noções opostas de sujeito.

A distinção que encontramos nos seus escritos se refere à oposição, na Antiguidade e Idade Moderna, entre duas alternativas conceituais localizadas entre filosofia e espiritualidade, e entre cuidado de si e conhecimento de si. Correspondem a dois pontos de partida para compreendermos o discurso de verdade na constituição da noção oposta de sujeito, não significando uma oposição inserida entre a tolerância e a austeridade, mas, as várias formas de austeridade na constituição dos saberes da verdade. A esse respeito, Gros (2004, p. 632) cita as palavras de Foucault:

A oposição não se dá entre a tolerância e a austeridade, mas entre uma forma de austeridade que está ligada a uma estética da existência e outras formas de austeridade que estão ligadas às necessidades de renunciar a si decifrando a sua própria verdade.

A primeira distinção que Foucault faz refere-se ao sujeito na Antiguidade, que se constitui por várias técnicas, práticas ou exercícios de conversão de si. Explica Gros (2004, p.633):

[...] o acesso de um sujeito à verdade dependia de um movimento de conversão que impusesse ao seu ser uma modificação ética. [...] é a partir de uma transformação de seu ser que o sujeito pode alcançar a verdade [...].

Portanto, para se ter acesso à verdade seria necessário atitudes ou práticas que servissem para transformar ou modificar o próprio ser do sujeito, estabelecendo uma relação entre ações e pensamentos, seguindo princípios de verdade e justiça e, assim, alcançar uma parte do conhecimento, para, desta forma, constituir um sujeito ético com ações corretas. Essa prática, semelhante a uma constante vigilância, caracteriza-se pelo *cuidado de si*, tendo seu ponto de partida no pensamento helenístico e romano, como também no estoicismo.

O princípio do *cuidado de si* conduz a um sujeito da ação, utilizando-se das técnicas e práticas que os levem a uma “estética da existência”, para conhecer a verdade dentro da relação ação e conhecimento. Foucault encontra no pensamento helenístico e romano esse sujeito, constituído pelas ações e práticas, que em grego se chamava de *epimeleia heautou*, e em latim *cura sui*. O “ocupar-se de si” e o “cuidar de si mesmo”, na Antiguidade, significaram o princípio da constituição do sujeito antigo, aquele de atitudes de retidão, da ação justa. Comenta Gros (2004, p. 634) a associação entre ação e conhecimento:

[...] o sábio é aquele que torna legível em seus atos a retidão de sua filosofia; se este cuidado comporta uma parte de conhecimento, é porque tenho que medir meus progressos na constituição de um eu da ação ética correta.

Foucault encontra na figura de Sócrates, na *Apologia*, o mestre do cuidado de si. O próprio Sócrates é quem interpela as pessoas no momento do seu julgamento, para preocupar-se com as vossas virtudes e vossas almas, e assim, “ocupar-se de si mesmo”. Sócrates, ao aconselhar seus concidadãos de que “cuidem de si mesmo”, revela três coisas importantes. A primeira, é uma missão que lhe foi confiada pelo deus e que não a abandonará antes do último

suspiro. A segunda, é uma tarefa desinteressada, cumpre-a por pura benevolência. A terceira, é uma função útil para a cidade, mais útil que a vitória de um atleta em Olímpia (FOUCAULT, 1997, p.119).

A noção de *epimeleia heautou* também é encontrada por Foucault em Gregório de Nícia, como um papel igualmente importante para designar uma postura de retidão e alcançar a verdade para purificar todo o ser. Tais atitudes significariam renunciar aos prazeres da carne, conquistando a virgindade do coração e do corpo, para encontrar a imortalidade de que o homem foi privado. (idem, p.120).

Foucault encontra nesses dois momentos extremos, de Sócrates a Gregório de Nícia, o *cuidado de si*, não apenas como um princípio, mas, uma prática constante, um cuidado que deve ser seguido ao longo da vida. Não foi uma invenção do pensamento filosófico; constitui um preceito próprio à vida filosófica. Ele encontra também esse princípio em um texto epicurista, *A carta de Meneceu*, que começa dizendo: “Nunca é cedo demais ou tarde demais para cuidar de sua alma. Deve-se, portanto, filosofar quando se é jovem e quando se é velho”. (idem, p.120).

Para toda a filosofia antiga o *cuidado de si* foi considerado como um dever, uma técnica, uma obrigação significativa e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados, para uma “estilização da existência” (FOUCAULT, 1997, p. 122).

O texto de Platão, *Apologia de Sócrates*, enuncia outro ponto fundamental que constitui, na cultura antiga, o *cuidado de si*. Na leitura desse texto, Foucault identifica o imperativo do cuidado de si com a filosofia helenística e romana. Portanto, é nos textos estoicos que ele constrói a estruturação subjetiva do que se denominou chamar de *cuidado de si*. Nestes o sujeito se constitui na “concentração”, prática de exercícios de conversão de si, nesta atitude de concentrar a si mesmo, visa a “uma intensificação da presença para si”, conduzindo-se ao imperativo do *conhece-te a ti mesmo*, não no sentido de uma observação introspectiva, mas de concentrar e “acompanhar-me” (GROS, 2006, p.130).

Foucault toma como ponto de partida para o estudo do cuidado de si a figura do Alcibíades, para quem são colocadas três questões relacionadas com o *cuidado de si*: a política, a pedagogia e o conhecimento de si. Trata-se de mostrar as técnicas, os procedimentos e as finalidades históricas segundo as quais, dentro de uma relação consigo determinada, constitui-se o sujeito ético.

Quando Sócrates recomenda Alcibíades a ocupar-se de si, ele quer demonstrar não uma simples preparação momentânea para a vida, mas, uma forma de vida, que deve ser para si mesmo e ao longo de toda a existência o seu próprio objeto, na medida em que se deseja ocupar-se dos outros. Nessa passagem do Alcibíades, Foucault encontra a relação do cuidado de si com a política. A partir da ideia da conversão a si, um movimento de existência voltado para si mesmo, tendo como objetivo estabelecer certo número de relações consigo mesmo, concebidas por um modelo jurídicopolítico, de ser soberano de si mesmo, exercendo sobre si um domínio perfeito (FOUCAULT, 1997, p.123).

Na questão que diz respeito à pedagogia, no Alcibíades, tratava-se de dar uma formação, mesmo no sentido de completar ou substituir. Ao tornar-se uma prática adulta, o papel pedagógico tende a desaparecer e emergem outras funções que se afirmam. Na eliminação dos maus hábitos e das falsas opiniões recebidas, encontra-se a função crítica, considerada uma das tarefas importantes da cultura de si. Associa-se a ela, também, a função de luta, pois, a prática de si é concebida como um combate permanente, em que é preciso dar ao indivíduo os instrumentos e a determinação para lutar durante sua vida (FOUCAULT, 1997, p.124).

A prática da cultura de si possui também uma função curativa e terapêutica, no próprio sentido médico da palavra; para livrar-se dos prazeres que atormentam a essência do sujeito ético, seria necessário aplicar no corpo e na alma expressões como cuidar, amputar, curar, escarificar, purgar, cujo sentido é propriamente o de curar as doenças da alma. Na escola de Epiteto fazia-se uso dessas expressões, pois ele queria que seus alunos chegassem

com a consciência de serem doentes, para se tratar em “consultório médico”, e não apenas ter uma simples formação (*Idem*, p.124).

A relação do *cuidado de si* com o conhecimento de si admite um imperativo que não se pode ocupar-se de si sem a ajuda de um outro. Precisa do apoio desse outro, seja ele um mestre ou um diretor, mas, dentro de uma relação de independência. A essa atitude, corresponde o que Sêneca dizia, como observa Foucault, que ninguém nunca é tão forte para sair por si mesmo, denominado de estado de *stultitia*, onde é preciso estender-lhe a mão e puxá-lo. Galiano compartilhava da mesma concepção, acreditava que o homem ama demais a si mesmo, para poder se curar sozinho de suas paixões, de seus sentimentos. Diante dessa prática da alma, com a troca de conselhos, Foucault encontra nas correspondências de Sêneca e Lucílius uma multiplicidade das relações sociais (FOUCAULT, 1997, p.125).

Foucault deixa bastante evidente que o cuidado de si é uma atividade exercida dentro da ação comunitária e institucional, e não uma atividade isolada ou solitária; ela se faz acontecer com a presença do outro, não retira do mundo quem se dedicasse a “ocupar-se de si”. Não significa renunciar ao mundo e aos outros, mas, manter uma relação com os outros pelo *cuidado de si* (GROS, 2006, p.131-132).

O sujeito do cuidado de si não se isola do mundo e nem fica longe da comunidade humana, ele se constitui por meio dos acontecimentos do mundo, enquanto sujeito da ação. Afirma Foucault (2004, p. 652):

Dirigindo a atenção para si, não se tratava, como vimos, de abster-se do mundo e de constituir-se a si mesmo como um absoluto. Mas antes de medir mais precisamente o lugar que se ocupa no mundo e o sistema de necessidades no qual se está inserido.

Portanto, o sujeito descoberto no cuidado de si é um cidadão do mundo, e não um convite à inércia, nos incitando a agir bem em nossos atos e ações, pois é o princípio regulador da atividade de nossa relação com o mundo e com os outros.

A segunda distinção feita por Foucault encontra-se na Idade Moderna, diferentemente do sujeito do cuidado de si, que para ter acesso à verdade necessitaria de práticas e técnicas para transformar todo o seu ser, constituindo um sujeito de ação e atitudes retas.

Trata-se do *sujeito moderno*, que não precisa da ação para alcançar a verdade; o acesso à verdade se encontra disponível, corresponde àquele do *conhecimento de si*. Caracterizado por uma identidade estabelecida, se acomoda na verdade já desvendada e explícita.

Na filosofia moderna elaborada desde Descartes, o sujeito que já nasce esclarecido pela verdade, intrinsecamente capaz de verdade, é aquele que não depende de um resultado de uma atividade interior de purificação do corpo e da alma, apenas possui acessoriamente ações retas. Afirma Foucault, “Eu posso ser imoral e conhecer a verdade” (GROS, 2004, p.632).

Nesse segundo momento histórico do pensamento filosófico, o modo moderno de subjetivação é substituído o sujeito da ação reta da Antiguidade pelo sujeito do conhecimento verdadeiro, que não precisa da relação de retidão entre ações e pensamentos. Comenta Gros (2004, p. 632):

[...] a constituição de si como sujeito é função de uma tentativa indefinida de conhecimento de si, que não se empenha mais do que em reduzir a distância entre o que sou verdadeiramente e o que creio ser; o que faço, os atos que realizo só têm valor enquanto me ajudam a melhor me conhecer.

Para compreender as “implicações filosóficas” que envolvem a discussão sobre a constituição do sujeito proposto por Foucault, faz-se necessário entender a problemática do *cuidado de si* e das técnicas de existência que envolvem um novo pensamento sobre a verdade e sobre o sujeito (GROS, 2004, p. 635).

Segundo Frédéric Gros, Foucault explica por várias vezes, na primeira versão inédita da conferência de 1981, os três caminhos dentro do ponto de vista filosófico do pós-guerra, para encontrar uma possível saída. O primeiro caminho seria uma *teoria do conhecimento objetivo*, no âmbito da filosofia analítica e do positivismo; o segundo, *uma nova análise dos sistemas*

*significantes*, o estruturalismo; e por último, *tentar recolocar o sujeito no domínio histórico das práticas e dos processos no qual ele não cessou de se transformar* (*Idem*, p.636).

Gros (2004, p. 637) nos chama a atenção para o seguinte ponto: Por muito tempo, Foucault concebe o sujeito enquanto produto passivo das técnicas de dominação. Apenas em 1980, ele concebe uma autonomia relativa referente às técnicas do eu, cuja autonomia relativa não significa uma liberdade nativa do sujeito, pois não se pode abandonar os processos sociais de normalização e os sistemas alienantes de identificação.

Portanto, o sujeito moderno possui enraizamento histórico, ele não está afastado dos procedimentos de subjetivação sociais de normalização e de dominação, não se configura como um sujeito livre se autocriando em um processo a-histórico de uma autoconstituição. Descreve Gros (2004, p. 637)

[...] o que constitui o sujeito numa relação consigo determinada são justamente técnicas de si historicamente referenciáveis, que se compõem com técnicas de dominação, também elas historicamente datáveis.

A constituição do sujeito moderno se compõe dentro de sua determinação histórica. Foucault não despreza os processos e as técnicas de normalização, o sujeito não está desprovido dos exercícios e práticas de si, para emergir um outro. Segundo Gros (2004, p.637):

[...] o indivíduo-sujeito emerge tão somente no cruzamento entre uma técnica de dominação e uma técnica de si. Ele é a dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição, segundo duplicações, ao sabor da história, que mais ou menos se recobrem.

O modo de subjetivação moderno reflete outras maneiras e práticas de constituir o ser, que reconfigura o sujeito inserido dentro de um outro pensamento histórico sobre a verdade. A pretensão de Foucault não é constituir um sujeito vinculado apenas à sua verdade, de acordo com uma necessidade transcendental ou um destino, pois seu projeto é de uma



genealogia do sujeito. Gros (2004, p. 638) descreve a fala de Foucault na primeira versão inédita de sua conferência americana:

Penso que há aí a possibilidade de elaborar uma história daquilo que fizemos e que seja ao mesmo tempo uma análise daquilo que somos; uma análise teórica que tenha um sentido político – quero dizer, uma análise que tenha um sentido para o que queremos aceitar, recusar, mudar de nós mesmos em nossa atualidade. Trata-se, em suma, de partir em busca de uma outra filosofia crítica: uma filosofia que não determina as condições e os limites de um conhecimento do objeto, mas as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do sujeito.

Por meio da genealogia, Foucault demonstrou as duas distinções históricas na constituição da subjetivação do sujeito, na Antiguidade e na Modernidade, o sujeito do *cuidado de si* e o sujeito do *conhecimento de si*. Com uma descrição estritamente histórica e filosófica, ele identificou a dimensão determinada pelo fenômeno cultural, na compreensão dos saberes qualificados como verdadeiros, para constituir o Sujeito Antigo e o Sujeito Moderno.

**REFERÊNCIAS**

ERIBON, Didier. **Michel Foucault: uma biografia**. Companhia das Letras: São Paulo, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução de M. A. da Fonseca e S. T. Muchail. Martins Fontes; São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Loyola, 15ª ed. São Paulo; 2006.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Jorge Zahar. Rio de Janeiro; 1997.

GROS, Frédéric. **O cuidado de si em Michel Foucault**. *In: Figuras de Foucault*. RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). Autêntica, Belo Horizonte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Implicações filosóficas do curso: Situação do Curso**. *In: A Hermenêutica do Sujeito*. FOUCACAUULT, Michel. Tradução de M. A. da Fonseca e S. T. Muchail. Martins Fontes; São Paulo, 2004.

MUCHAIL, Salma. **Da promessa à embriagues: A propósito da leitura foucaultiana do Alcibíades de Platão**. *In: Figuras de Foucault*. RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). Autêntica, Belo Horizonte, 2006.